

ANTÍGONA: UM ESTUDO SOBRE O AMOR

NA BUSCA POR JUSTIÇA

Darone Nunes Chagas¹

A peça grega clássica Antígona, narra a história da mais adorada e dedicada filha de Édipo. Após a morte do pai em Colono, Antígona retornou com Ismene a Tebas, onde seus irmãos Etéocles e Polínicos² disputavam a sucessão do pai ao trono da cidade. Após difícil luta tebanos e argivos entremataram-se em sangrentas lutas; Etéocles e Polínicos também tombaram mortos um pela mão do outro. Creonte, irmão de Jocasta e tio de Antígona, assumiu o poder, e seu primeiro ato após subir ao trono de Tebas foi proibir o sepultamento de Polínicos, sob pena de morte para quem o tentasse, enquanto ordenava funerais de herói para Etéocles, morto em defesa da cidade pelo irmão que o atacava.

Em Antígona analisa-se a força da lei escrita, ditada pelo homem, contra regras de ordem moral, por vezes não escritas, mas guardadas na consciência coletiva. Rawls faz a seguinte observação a esse respeito (2016, p.301): “Aristóteles observa que uma das peculiaridades dos homens é terem noção do que é justo e do que é injusto, e que o fato de partilharem um entendimento comum da justiça constitui uma pólis”. Sendo assim, uma sociedade bem ordenada sabe distinguir o que é justo e o que é injusto e o seu soberano também tem a compreensão desta regra, pois ela está guardada no

¹ Aluno do Curso de Filosofia da Universidade Mackenzie.

² Após a morte do pai Édipo, Polínicos e Etéocles haviam entrado em um acordo onde cada um iria governar a cidade de Tebas no período de um ano, a começar por Etéocles. Porém, findo o primeiro ano, este recusa-se a ceder o trono ao irmão. Polínicos, furioso e cheio de rancor, sai da cidade e vai para Argos, cidade inimiga de Tebas. Em Argos, casa-se com a filha do rei e o convence a apoiá-lo em tomar Tebas à força. Assim, se dá a guerra entre os dois irmãos. Nesta empreitada, ambos morreram, um pela mão do outro.

pensamento coletivo de todos. Abaixo a passagem em que Antígona se mostra indignada com a lei imposta por Creonte:

Antígona: Pois não ditou Creonte que se desse a honra
da sepultura a um de nossos dois irmãos
enquanto a nega ao outro? Dizem que mandou
proporcionarem justos funerais a Etéocles
com a intenção de assegurar-lhe no além-túmulo
a reverência da legião dos mortos; dizem,
também, que proclamou a todos os tebanos
a interdição de sepultarem ou sequer
chorarem o desventurado Polinices:
sem uma lágrima, o cadáver insepulto
irá deliciar as aves carniceiras
que hão de banquetear-se no feliz achado.
Esse é o decreto imposto pelo bom Creonte.
(A Trilogia Tebana de Sófocles, 23 – 35, tradução de Mário da Gama Kury).

Na Grécia antiga era de grande importância os ritos de sepultamento para os gregos. Estes pensavam que quando se colocava um corpo no sepulcro, colocava algo vivo. Na antiguidade se acreditava tão firmemente que ali repousava um ser vivo, que jamais se deixava de enterrar com ele os objetos de que se supunha ser de sua necessidade como roupas, vasos, armas, etc. Segundo Coulanges (2009, p.25): “derramava-se vinho sobre o túmulo para matar-lhe a sede; colocavam alimentos para saciar-lhe a fome. Degolavam cavalos e escravos, com a ideia de que (...), o serviriam na tumba, como o haviam servido durante a vida”. Temia-se menos a morte do que a privação da sepultura, pois, dela dependiam a felicidade e o repouso eterno. Antígona mesmo sabendo que era proibido, decidiu por sua *natureza* e *paixão*, que não iria deixar de enterrar seu irmão e decide fazer o sepultamento mesmo sem o auxílio de Ismene, sua irmã, que optou em não contrariar as leis de Tebas, ditadas por Creonte:

Ismene: (...)
Enfim, somos mandadas por mais poderosos

e só nos resta obedecer a essas ordens
e até a outras inda mais desoladoras.
Peço indulgência aos nossos mortos enterrados
mas obedeco, constringida, aos governantes;
(A Trilogia tebana de Sófocles, 71 – 75, tradução de Mário da Gama Kury).

Antígona, mesmo sem a ajuda de sua irmã está decidida em executar o ato. Sem temer as consequências, Ela, executará a ação de enterrar seu irmão. Partimos para uma observação de Rawls a cerca desta vontade cega e instintiva de fazer justiça com as próprias mãos de Antígona (2016, p.707) “uma pessoa justa não se dispõe a fazer certas coisas e, assim, perante circunstâncias terríveis, talvez decida arriscar a vida, em vez de ser injusta”. Rawls, compreende que, a questão enfrentada por Antígona é igual aos riscos do amor. O autor de Uma Teoria de Justiça pensa que aqueles que se amam, ou que constituem fortes laços com pessoas ou formas de vida, ao mesmo tempo se tornam passíveis de sofrer ruína: seu amor os torna reféns do infortúnio ou da injustiça de outrem. Amigos, amantes e familiares correm grandes riscos para ajudar uns aos outros. Estar disposto aos riscos na busca por justiça, nos revela que ao amarmos nos tornamos vulneráveis e completa: “Quando amamos, aceitamos os riscos de sofrimento e perda. À vista do conhecimento geral que temos do rumo provável da vida, não achamos esses riscos tão grandes a ponto de nos fazer parar de amar.” (RAWLS, p.708). Quando o amor e afeto acontece não nos arrependemos do nosso sentimento de amor. Até mesmo numa sociedade justa, nossos amores nos expõem aos acidentes da natureza e à contingência das circunstâncias. E algo semelhante ocorre com o sentimento de justiça, que está ligado a esses afetos. Abaixo a passagem em que a heroína se mostra disposta a cumprir o ato, mesmo sem a ajuda da irmã, movida pelo sentimento de *amor*:

Antígona: (...)
hei de enterrá-lo e será belo para mim
morrer cumprindo esse dever: repousarei
ao lado dele, amada por quem tanto amei
e santo é o meu delito, pois terei de amar
aos mortos muito, muito tempo mais que aos vivos.

(A Trilogia Tebana de Sófocles, 81 – 84, Tradução de Mário da Gama Kury).

Antígona encontrou o corpo de seu irmão, preparou-o e o enterrou em uma cova rasa, porém, foi vista executando o ato pelos guardas do rei e a levaram diante de Creonte. Ambos discutem sobre a situação:

Antígona: Prendeste-me; desejas mais que a minha morte?

Creonte: Não quero mais; é tudo quanto pretendia.

Antígona: Então, por que demoras? (...).

E quanto à glória, poderia haver maior
que dar ao meu irmão um funeral condigno?

Designando o CORO com um gesto.

Eles me aprovariam, todos, se o temor
não lhes tolhesse a língua, mas a tirania,
entre outros privilégios, dá o de fazer
e o de dizer sem restrições o que se quer.

Creonte: Só tu, entre os tebanos, vês dessa maneira.

Antígona: Eles também, mas silenciam quando surges.

Creonte: Não coras por pensar, só tu, diversamente?

Antígona: Não há vergonha alguma em nos compadecermos
dos que nasceram das entranhas de onde viemos.

Creonte: E aquele que morreu lutando contra o outro
também não era teu irmão, do mesmo sangue?

Antígona: Do mesmo sangue, de um só pai e uma só mãe.

Creonte: Por que, então, distingues impiamente o outro?

Antígona: O morto não confirmará essas palavras.

Creonte: Confirmará, se a distinção o iguala ao ímpio.

Antígona: Foi como irmão que ele morreu, não como escravo.

Creonte: Destruindo a cidade; o outro, defendendo-a.

Antígona: A morte nos impõe as suas próprias leis.

Creonte: Mas o homem bom não quer ser igualado ao mau.

Antígona: Quem sabe se isso é consagrado no outro mundo?

Creonte: Nem morto um inimigo passa a ser amigo.

Antígona: Nasci para compartilhar amor, não ódio.

Creonte: Se tens de amar, então vai para o outro mundo,
ama os de lá. (...)!

(A Trilogia Tebana de Sófocles, 569 – 600, Tradução de Mário da Gama Kury).

Antígona prefere a morte gloriosa a viver segura sob o signo da vergonha. Seu noivo, o bondoso Hêmon, filho de Creonte, questiona ao pai o motivo daquela grande injustiça contra sua pretendida e decide ficar ao lado de Antígona. Os cidadãos de Tebas enxergavam a pena de privação da liberdade e consequente morte a uma moça somente por ter enterrado dignamente o corpo do próprio irmão algo demasiadamente injusto. Creonte age como governante, como aquele que deve fazer imperar as suas leis, mas será Hêmon, seu filho e provável sucessor que o alertará, que às vezes o poder e a vontade ferrenha de seu exercício, extrapolam os limites de toda racionalidade. Vejamos o que diz Rawls a este respeito:

Uma característica importante de uma concepção de justiça é que ela deve gerar sua própria sustentação. Seus princípios devem ser tais que, quando integrados à estrutura básica da sociedade, os homens sintam-se inclinados a adquirir o senso de justiça correspondente e passem a ter vontade de agir segundo tais princípios. (RAWLS, 2016, p.167).

Ao assumir um papel de advogado da noiva, Hêmon, corrobora a ideia de Antígona de que as pessoas concordam com o sepultamento de Polinices, mas se calam por medo da reação do rei. No contexto da peça, as “leis” não escritas são divinas não porque simplesmente advêm da vontade arbitrária e incompreensível dos deuses. A divindade delas é compartilhada com os homens não apenas por meio da fé, mas também por meio de seu caráter racional. Hêmon afirma na defesa de sua prometida que “os deuses implantaram no homem a razão e que este é o bem maior de todos” (A Trilogia Tebana de Sófocles, 776 – 777). Se a razão é o bem maior dos seres humanos e é dada pelos deuses, então a justiça que as leis divinas expressam é a justiça racionalmente válida e compartilhada. Creonte fica então mais convicto de que deve punir Antígona, uma vez que o ato dela fez inclusive seu filho se levantar contra sua autoridade. Ele continua irredutível, até que entra em cena Tirésias que é o adivinho que surge para lembrar Creonte que quando um governante é mal, a cidade inteira paga por seus excessos. O adivinho afirma a Creonte que o ato de punir Antígona era demasiado injusto e que a cidade de Tebas carregaria essa injustiça eternamente:

Tirésias: Nossos altares todos e o fogo sagrado
estão poluídos por carniça do cadáver
do desditoso filho de Édipo, espalhada
pelas aves e pelos cães; por isso os deuses
já não escutam nossas preces nem aceitam
os nossos sacrifícios.

(...).

Cede ao defunto, então! Não firas um cadáver!

Matar de novo um morto é prova de coragem?

(A Trilogia Tebana de Sófocles, 1128 – 1143, tradução de Mário da Gama Kury).

Tirésias é quem veio para dizer a Creonte, que nem sempre as ações humanas podem ser realizadas pelos impulsos. Que, às vezes, mais do que autoridade é preciso ter sensibilidade para dizer que o amor fraternal pode, e deve, em alguns casos, sobrepor-se às leis dos homens. O sepultamento é uma exigência dos deuses. Não realiza-lo é atrair sobre si ou sobre a cidade a fúria de divindades. Creonte fez Polinices cumprir pena depois de morto e manteve ele preso no mundo dos vivos privando-o do ritual de sepultamento e tudo isso ofendeu gravemente aos deuses. Na corrida para tentar evitar o desfecho trágico, após as afirmações de Tirésias, Creonte manda que seja feito o funeral de Polinices e decide ele próprio libertar Antígona. Após providenciar os ritos fúnebres devidos a Polinices, Creonte dirige-se à caverna onde Antígona é prisioneira e toma conhecimento do suicídio da sobrinha. Sob seu corpo estava Hêmon aos prantos, que ao ver o pai tentou mata-lo devida tamanha injustiça cometida por este. Porém, não conseguiu este feito e se matou, seguindo o mesmo fim de sua noiva suicida. A vertiginosa sucessão de desgraças aniquila moralmente Creonte. Neste momento Creonte enxerga que sua visão de julgamento estava errada. Ao retornar para o castelo descobre que sua esposa também cometeu suicídio ao saber da morte do filho. É do próprio Creonte que agora vem o reconhecimento acerca dos erros cometidos, num arrependimento dilacerante:

Creonte: Ai! Ai de mim! O autor destas desgraças

sou eu e nunca as atribuirão
a qualquer outro entre os mortais, pois eu,
só eu as cometi, pobre de mim!

(...).

Ai! Ai de mim!

Não sei qual dos dois mortos devo olhar,
nem para onde devo encaminhar-me!

(A Trilogia Tebana de Sófocles, 1458 – 1481, tradução de Mário da Gama Kury).

Essa é a força da tragédia Antígona expressando a superação de um homem diante dos impositivos criados pelo próprio homem e mostrando no homem a miserabilidade de sua existência, quando se defronta com forças que começa a rejeitar, mas insiste que, independentemente de sua vontade, elas sempre estarão presentes. Uma observação importante deve ser feita: neste conflito não há vencedores, apenas vencidos. Tanto Creonte como Antígona foram desmedidos e sofreram as consequências de seus atos. Esta tragédia é resultado do modo como Creonte e Antígona defendem seus posicionamentos. Esta última, ao menosprezar e julgar-se superior às leis escritas, desobedeceu a lei promulgada pelo Rei e pagou com a vida por sua desobediência civil, ainda que sua reivindicação encontrasse respaldo nas leis divinas; Creonte, por outro lado, embora dotado de legítima competência para editar as leis, arbitrariamente contrariou uma lei divina e suprimiu valores morais fundamentais a seus súditos, em consequência, ele provoca a morte do seu filho, da esposa e torna-se ele próprio, um ser morto, mesmo correndo vida em suas condições físicas.

Darone Nunes Chagas

Graduando em Licenciatura em Filosofia

Universidade Mackenzie

São Paulo, setembro de 2018

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COULANGES, Fustel de. A Cidade Antiga. São Paulo: Martin Claret, 2009.

RAWLS, John. Uma teoria da justiça. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

SÓFOCLES. A trilogia tebana. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.